



DEBATE – CÓDIGO FLORESTAL¹

Rodolfo Moreira MAY²
Thomas Mayer RIEGER³
Sandra NODARI⁴
Ana Paula dos SANTOS⁵
Daniel CASTRO⁶
Diego SARZA⁷
Fernando FAVERO⁸
Giorgia GSCHWENDTNER⁹
Miguel Basso LOCATELLI¹⁰
Sindy SUZUKI¹¹
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

O meio ambiente entrou para o rol de assuntos importantes dos países há pouco tempo: o protocolo de Kyoto, por exemplo, entrou em vigor apenas em 2005. Desde então, termos como “aquecimento global” e “instabilidade climática” surgem com frequência nos meios noticiosos. Em 2011, iniciou-se a discussão acerca da reforma do Código Florestal – criado em 1965. No ano passado se formalizou a proposta de reformulá-lo, trazendo novas determinações legais a respeito da área verde do Brasil. Essa possibilidade vem suscitando muita discussão – tanto no âmbito legal quanto jornalístico. Levando em consideração o debate virtual, o presente projeto desenvolveu um debate real: um programa televisivo com dois debatedores diretamente ligados ao assunto, cuja intenção é permitir interpretação e reflexão sobre o tema ao público em geral.

PALAVRAS-CHAVE: código florestal; debate; meio ambiente; jornalismo interpretativo

1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia é possível coletar informações das mais diversas fontes jornalísticas: os meios tradicionais – jornal impresso, rádio e televisão – atuam em concomitância à internet,

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo interpretativo – Dossiê, Análise, Cronologia, Perfil, Enquete.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email: mayrodolfo@gmail.com.

³ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email thomasmr@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo, email: sandranodari@gmail.com

⁵ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email anah.santos@gmail.com

⁶ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email danielcastro.jornalismo@gmail.com

⁷ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email diego.sarza.cerqueira@gmail.com

⁸ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email fernandomadfavero@gmail.com

⁹ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email gi_1510@hotmail.com

¹⁰ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email miguelocatelli@gmail.com

¹¹ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email sindy_suzuki@yahoo.com.br

e, juntos, ofertam uma quantidade informacional inédita na história da comunicação, o que acaba gerando um “pseudoconhecimento, absorvido sem qualquer participação efetiva” (FERRARI, 2003, p.18). Em outras palavras, a excessiva oferta informacional conflita com a demanda por um maior requinte da informação: sabe-se, apenas, um pouco de tudo, sem especialização da informação.

Levando essa realidade em consideração, o projeto “Debate – Novo Código Florestal” buscou levar um diferencial aos telespectadores: dar um tratamento diferenciado a um tema presente de modo recorrente nos meios de comunicação através do aprofundamento da informação, aprofundamento dado por meio do conhecido como *jornalismo interpretativo*:

[...] é necessário interpretar as notícias já apresentadas, a fim de: 1) dar ao leitor antecedentes completos aos fatos que deram origem à notícia. 2) dar o alcance que tiveram os fatos e circunstâncias no momento em que ocorreram e explorar o que poderá resultar deles no futuro. Isto é interpretação. 3) analisar os fatos e situações descritas em (1) e (2)” (CROWLEY, in:BELTRÃO, 1980, p.45)

O público já conhecia o factual: a iminência da votação do Novo Código Florestal. Mas não conhecia, entretanto, detalhes dos antecedentes e possíveis desdobramentos desse acontecimento. A discussão aprofundada e interpretada de temas complexos auxilia no esclarecimento da população que vai, direta ou indiretamente, ser afetada por tal assunto.

A modalidade interpretativa do jornalismo é frequentemente constatada em jornais impressos e pode tornar-se aplicável à televisão nos chamados programas de debate.

O debate

O gênero *debate* possui algumas particularidades que o distinguem diametralmente da entrevista tradicional. De acordo com José Carlos Aronchi de Souza,

os assuntos e os convidados variam conforme a proposta da emissora: pode-se debater um único tema, com vários convidados opinando e respondendo às indagações dos entrevistadores e apresentadores fixos; pode-se realizar um debate sobre vários temas num único programa, dando-lhe também um tom de atualidade e variedade (SOUZA, 2004, p. 144).

A duração do programa também é um diferencial. Já que, “por se tratar de um gênero que tem a intenção de quase esgotar um assunto com opiniões distintas, a duração também é mais elástica, com o mínimo de trinta minutos e até mais de uma hora” (*ibid*, p. 145).

2 OBJETIVO

O programa “Tela UN – Debate: Novo Código Florestal” teve como objetivo abranger tanto a factualidade do tema quanto a profundidade requerida por ele. Portanto, a informação passada ao receptor tornou-se subsídio para que ele pudesse, da forma como lhe fosse conveniente, se posicionar acerca de tal assunto.

Outro objetivo foi levar tal discussão ao espaço acadêmico para que os estudantes debatessem e ficassem a par das alterações feitas no texto legal, caso o projeto fosse aprovado.

Por fim, os responsáveis pelo programa buscaram possibilitar que os espectadores tivessem acesso à informação de forma simples e direta para, depois, ouvir os argumentos dos debatedores e também de casos concretos mostrados nas reportagens.

Tais objetivos são inerentes ao gênero debate, tendo em vista que, assim como em época de eleições, busca um posicionamento popular. É importante ressaltar que neste caso buscou-se dar o mesmo tempo de fala para ambos os debatedores e, sobretudo, a imparcialidade do mediador.

Por outro lado, a prática da gravação de um debate televisivo do ponto de vista laboratorial permite aos alunos compreenderem como se dá a produção/pesquisa, pauta, realização de reportagens, fechamento de espelho, roteiro, agendamento de entrevistas e a gravação em si.

Outro aprendizado importante para os alunos foi a produção, dentro do âmbito universitário, de um gênero diferenciado, que possibilita forma de produções jornalísticas alternativas. Para Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, “as emissoras que se dedicam exclusivamente ao jornalismo, apresentam a todo momento na tela informações para serem lidas como um jornal eletronicamente impresso” (2002, p. 15).

3 JUSTIFICATIVA

O projeto se justifica pela lacuna de produtos desse tipo na área da televisão. Por mais que o tema tenha sido tratado de maneira exaustiva na época – e até hoje em dia, tendo que o projeto foi adiado – o indivíduo comum não tinha acesso a uma fonte que tratasse dele de modo aprofundado para que ele pudesse compreender de que maneira aquele assunto afetaria sua vida.

Além disso, foram trabalhadas as diferenças do Código anterior para o que seria votado à exaustão para que todos os detalhes fossem de conhecimento público.

A análise de profissionais da área também justifica a produção do programa, visto que cada um defendeu seu posicionamento vislumbrando os benefícios/prejuízos disso para o Brasil. Como exemplo, uma das fontes defendeu a alteração do texto em função do desenvolvimento financeiro do país e outra a criticou pelo ataque aos biomas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Em relação ao conteúdo do debate, a equipe se aprofundou em leituras de notícias da época, leituras de artigos e de textos que continham informações sobre o bioma brasileiro e analisou o Código vigente e suas propostas de alterações. Tais leituras foram importantes por possibilitar uma imersão dos integrantes em assunto de tamanha relevância e complexidade. Também foi fundamental a quantidade leituras para que a informação não fosse passada equivocada ou erroneamente. Para complementar, foi promovido um debate entre os alunos e uma professora do curso de Biologia da mesma instituição para aprofundar ainda mais o tema.

Para a gravação do debate, foram utilizadas as técnicas tradicionais da televisão brasileira. As reportagens foram compostas de *off*, sonoras e passagens e o debate foi gravado com três câmeras no formato ao vivo. O debate de 30 minutos foi dividido em três blocos, com dois convidados fixos durante o programa. Os alunos desempenharam todas as funções necessárias à gravação: operação de câmeras de estúdio, mesa de corte, operação de áudio, produção de estúdio, operação e vt's, editor-chefe na switcher, etc.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O debate acerca da proposta de alterações do Código Florestal teve a duração de 30 minutos, divididos em 3 blocos

Para o debate, foram convidados dois deputados federais: Abelardo Lupion (DEM) – agropecuarista e membro da Comissão da Agricultura da Câmara dos Deputados-, e Roseane Ferreira (PV) - enfermeira e membro da Comissão de Desenvolvimento Urbano. Por dificuldades em conciliar horários, Roseane indicou o deputado estadual Rasca Rodrigues (PV) para participar do debate em seu lugar.

A equipe de produção discutiu sobre a possibilidade de haver discrepância entre os cargos dos representantes de cada lado, levando em consideração que um é da esfera federal

e o outro da estadual. Porém, ao analisar a vasta experiência que o deputado estadual possuía como presidente do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e membro do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), observou-se que ele possuía conhecimento e experiência suficientes para discutir o assunto.

O programa foi dividido em três blocos que compreendiam a exibição de reportagens (VTs) e a discussão do tema específico trazido por essas em seguida. A produção. A produção dos VTs se justifica na fala de Souza, que enuncia que

o programa de debate pode ainda apresentar pequenas reportagens que ilustram o tema, ou ainda entrevistas com um convidado principal, que vai debater com o público ou convidados, sempre com a mediação do apresentador (SOUZA, 2004, p. 145)

O primeiro bloco trouxe uma explicação geral do tema. A primeira reportagem tratou das mudanças fundamentais propostas pelo novo código florestal, mostrando a opinião da população (o que foi retratado por meio de um *fala povo*). Em seguida, os debatedores foram questionados a respeito de um aspecto polêmico do tema: a anistia a crimes ambientais que tivessem acontecido até 2008.

Em seguida, a segunda reportagem seguiu o ponto de vista de quem é favorável ao projeto, mostrando a possibilidade de crescimento econômico do Brasil com o aumento das áreas de plantio – consequência da eventual aprovação do Código. O questionamento feito aos debatedores tratou descobrir o que cada lado pensava a respeito da abrangência territorial descrita no texto da lei.

A terceira e última reportagem mostrou o ponto de vista dos ambientalistas, que ressaltaram as possibilidades negativas para o meio ambiente caso a proposta fosse aprovada. Tendo que era o último bloco, a pergunta feita aos debatedores foi direcionada a um encerramento; buscou-se descobrir quais eram as esperanças de cada um deles.

A produção

O processo de produção foi dividido em três etapas: pré-produção, produção e a pós-produção. Em cada uma delas, os alunos participantes do projeto desempenharam funções específicas.

Na pré-produção (antes da gravação), buscou-se cobrir as demandas do programa. As funções desempenhadas pelos alunos foram de: um pauteiro para os VTs, três cinegrafistas, três repórteres e um produtor geral (que se responsabilizou pelo agendamento com os debatedores).



Durante a produção (ou seja, gravação do programa), as funções foram de: três operadores de câmera, um apresentador, um editor-chefe, um operador de *teleprompter*, um produtor e um operador da mesa de corte.

A fase da pós-produção compreendeu: inserção de GCs para a veiculação (um aluno), revisão do material para eventuais correções na edição (dois alunos), trabalho de assessoria de imprensa para divulgar o programa (um aluno) e produção de relatórios (quatro alunos). Além disso, o programa foi veiculado no Canal do youtube (www.youtube.com/telaun1) no dia 25 de maio de 2011.

6 CONSIDERAÇÕES

A recepção do programa surpreendeu os envolvidos. Veiculado no canal do YouTube do jornal laboratório, estimava-se que o número de visualizações não seria relevante. Entretanto, o número médio de visualizações chegou a 108 (cento e oito) por vídeo – esse número foi ajudado pela repercussão nas redes sociais. Os membros da equipe de produção do debate constataram que o número de participações, comentários e compartilhamentos dos vídeos foi intenso.

Levando em consideração a recepção, pode-se dizer que o resultado foi satisfatório, já que foi possível produzir um programa coeso, completo e capaz de discutir um tema complexo de modo compreensível e acessível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.